

ENTREVISTA

Joaquim Pinto

PARTILHOU CONNOSCO O SEU PERCURSO PELO MUNDO DOS CABELOS



Joaquim Pinto foi o representante eleito Tesoureiro da APCCIB

Embora desde muito novo tenha sentido o apelo pela profissão, só anos mais tarde teve oportunidade de concretizar o seu sonho. No entanto, a espera não foi em vão. Joaquim Pinto é, actualmente, um dos profissionais de cabeleireiro mais consagrados do nosso país, com provas dadas do seu talento, quer a nível nacional, quer internacional. O Jornal dos Profissionais de Cabelheiro esteve à conversa com Joaquim Pinto e ficou a conhecer um pouco melhor o seu fascinante percurso pelo mundo dos cabelos.

Aos 11 anos percebeu que era esta a sua vocação. Como é que tudo começou?

Acho que começou até mais cedo, com 9 ou 10 anos... Quando para a escola, na freguesia de S. Martinho de Mourões, passava em frente a uma barbearia e passava sempre para ver os barbeiros a cortar cabelos: Um dos barbeiros que trabalhava no salão e que me via sempre por lá chegava a dizer-me que um dia também eu seria barbeiro. Essa recordação ficou-me. Acho que é daí que vem esta paixão. Tinha também família na profissão e, naturalmente, esse terá sido outro incentivo.

“Todos aqueles que me conhecem sabem que eu nunca perdi a modéstia. A minha única vaidade é servir bem.”

Antes de ir para a escola, trabalhei ainda com o meu tio António da Silva, em Moscovide. Que recordações guarda dele? O meu tio ensinou-me algumas coisas que ainda hoje aplico no meu trabalho. Dele recordo sobretudo a maneira educada com que tratava os clientes. Era também um grande conselheiro. Costumava dizer que o cabel-

heiro deve sempre ser melhor ouvinte do que conversador.

Como foi, depois, o seu percurso profissional?
Após ter cumprido o serviço militar, na Guiné, onde desempenhei também a função de cabeleireiro, regressar a Lisboa. Passei por alguns salões e, entre outros, obtive três cartelas profissionais: em 1966, a cartela de Meio-Oficial de Barbeiro; no ano seguinte, a cartela de Oficial de Barbeiro; e, em 1968, a cartela de Oficial de Cabelheiro de Homens. Um passo que considero importante na minha carreira foi ter aceite o convite para inaugurar o salão Mímabêla, do J. Pimenta, na Reboleira, explorado pelo Adriano Nogueira.

De há 30 anos para cá, pisou variados palcos, nacionais e internacionais. Ganhou, inclusive, várias medalhas, entre elas, uma de ouro, uma de prata e uma de bronze. Como classifica essas experiências?

É preciso ter muita coragem e gostar muito da nossa profissão, porque, na maior parte das vezes, andamos por nós conta, sem apoio financeiro nenhum. Faz-se muitos sacrifícios, mas, no fim de tudo, é uma emoção enorme e uma experiência muito gratificante.

Considera que essas participações foram benéficas para o crescimento do seu salão e do seu nome?

Muito, muito! Os clientes gostam de saber que conquistamos prémios. Ainda hoje me falam nessa medalha de ouro!

Fez parte da Direcção do Clube Artístico dos Cabelheiros de Portugal (CACP) durante seis anos. Como é que caracterizou esta experiência?

Eu estive no CACP dois mandatos: um como tesoureiro e outro como presidente, funções que desempenhei com muito gosto e com todo o carinho. É considerado um dos maiores colecionadores portugueses de equipamento antigo de barbeiro e cabeleireiro. Como é que nasceu esta paixão? Esta paixão está associada à profissão. Gosto de preservar as peças que outrora foram utilizadas e que hoje fazem parte da história da nossa profissão. Acho que é uma forma de homenagear aqueles a quem estes instrumentos pertenceram e manter presente o sentimento dos nossos antepassados. Tenho, por isso, a ideia de criar um museu.

Como presidente, funções que desempenhei com muito gosto e com todo o carinho. É considerado um dos maiores colecionadores portugueses de equipamento antigo de barbeiro e cabeleireiro. Como é que nasceu esta paixão?

Esta paixão está associada à profissão. Gosto de preservar as peças que outrora foram utilizadas e que hoje fazem parte da história da nossa profissão. Acho que é uma forma de homenagear aqueles a quem estes instrumentos pertenceram e manter presente o sentimento dos nossos antepassados. Tenho, por isso, a ideia de criar um museu.

Pretende, então, colocar a sua colecção num museu?

Sim, gostava muito. Já tive a colecção exposta em vários locais, mas apenas a título de empréstimo, como exposição temporária.

Editou dois livros com o seu irmão: Pinto's Cabelheiros - História & Ofício e Profissão: Cabelheiro-Manual de Formação para o novo cargo?

Muito bem, sempre fomos muito estimados e apoiados pelos colegas.

No dia 17 de Janeiro, foi eleito, em Assembleia-Geral, Tesoureiro da Direcção da APCCIB. Quer contar-nos alguns dos projectos pensados para o novo cargo?

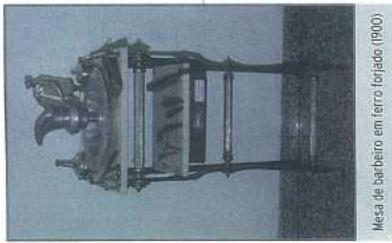
Pretendo dar continuidade ao bom trabalho que a Associação tem feito e espero ser um elemento com capacidade para introduzir outras ideias. Tenho muita vontade de trabalhar e contribuir para a dignificação da profissão!

Não pensa, portanto, em retirar-se?

Não, vou trabalhar até não poder mais! Tenho muito gosto pela profissão. Acho que vou ter muita dificuldade em "largar a cadeira", vai deixar-me muita saudade. Todos aqueles que me conhecem sabem que eu nunca perdi a modéstia. A minha única vaidade é servir bem.

COLECCÃO COM HISTÓRIA

Joaquim Pinto coleciona, há vários anos, diversos utensílios que fazem parte da história da profissão de barbeiro e cabeleireiro. Para este profissional, a preservação destes materiais é uma forma de homenagear a própria profissão e aqueles que a serviram e ainda servem. Joaquim Pinto mostrou-nos, gentilmente, alguns artigos da sua vasta colecção.



Mesa de barbeiro em ferro forjado (1900)



Taça de louça de S. Cravém para barbeiro (1885)



Ferros para lizar e ondular cabelos



Peças do barbeiro, dentista e sangrador



Peça de louça inglesa para barbeiro, com ilustrações do barbeiro

Gilêtes de barbeiro (1930)